

Noite de gala na Feira do Livro

José Cardoso Pires estará hoje lançando seu último romance, *Alexandra Alpha*

Rui Nogueira

Colaborador

Não precisa botar smoking, terno e sapato novo. A noite é de gala na VII Feira do Livro de Brasília mas pode ir do jeito que a crise manda. Aquela roupa surrada do trabalho serve. Além do mais o convidado não gosta de frescura, prefere um bom papo e, é claro, muita gente na fila para pegar o autógrafo. Ele vive do que vende.

A noite é de gala porque numa feira que recebe pouca ou quase nenhuma atenção das editoras (veja box, abaixo) é quase um privilégio ter, a partir das 18h00, no estande da Casa do Livro, ninguém menos que o português José Cardoso Pires, um dos nomes mais respeitados da literatura contemporânea. Em Portugal, junto com José Saramago e Agustina Bessa-Luis, ele forma uma espécie de Santíssima Trindade do boom literário lusitano.

O lançamento de hoje — **Alexandra Alpha** — é o quinto e último romance do autor, parido no final do ano passado em Lisboa, depois de três anos engravidando a idéia, e editado no Brasil pela Companhia das Letras.

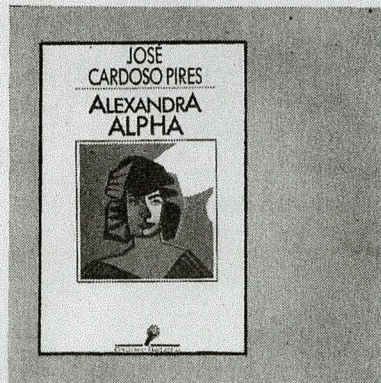
Marialvas

Alexandra Alpha é a melhor radiografia já feita na literatura sobre aquele pedaço de terra no extremo

ocidental da Europa que vive aos solavancos históricos. Entre um soluço histórico e outro, Portugal cai numa hibernação atroz. Foi um dos primeiros países a embarcar na canoa dos descobrimentos. O vento deixou de soprar e a canoa encalhou durante séculos. Foi uma das primeiras repúblicas na Europa implantada do jeito que o povo gosta — morte ao rei, caça aos padres e uma dose providencial de espírito libertário. Foi sol de pouca dura. As sombras de Salazar duraram quase meio século mas também quando a luz voltou chegou com uma explosão de alegria — o 25 de Abril, a Revolução dos Cravos.

É neste jeito sui generis de ser português que Cardoso Pires enfia o desturi. E sem anestesia. Ele não teme ser deselegante para com o país dele por dois motivos: primeiro porque nunca escreve pensando no leitor ("quem escreve pensando no leitor leva pedrada", diz ele) e, segundo porque não tem a menor consideração com o sentimento "pátria" do jeito que é cultivado pelos **marialvas** — gente provinciana que adora ser nacionalista cultivando o passado, quer que o futuro jamais chegue e lamenta profundamente que o presente não possa ser extirpado. Uma gatinha que Cardoso Pires botou na berlinda em 1960 ao publicar **A Cartilha do Marialva**. A censura enfiou a faca no livro e a questão ficou restrita ao círculo dos "bem-informados".

Em **Alexandra Alpha** o papo é sobre Portugal uns anos antes da Revolução de Abril e dois anos depois daquele porre de liberdade nas ruas de Lisboa. É a "dor de corno" portu-



guesa destilada numa prosa de estética moderna, às vezes propositadamente anárquica. Se o leitor sentir cheiro de roteiro de cinema no livro pode continuar fungando que é isso mesmo. Cardoso Pires gosta de cinema. Gosta do ritmo da linguagem cinematográfica e explica porquê numa entrevista à imprensa portuguesa:

— Eu não encontro hoje arte nenhuma que não tenha a marca do cinema. O próprio jornalismo tem. Porque o cinema deu, ensinou, criou no público a necessidade de visualizar além da lógica. Hoje o jornalista escreve com uma sintaxe totalmente diferente, corta, passa rapidamente de uma coisa para outra e as pessoas não ficam chocadas, porque já têm em casa a televisão e vêem cinema. Apanharam o ritmo, a capacidade de estabelecer lógicas internas que não tinham.

Opus Night

O mundo cinematográfico de **Ale-**

xandra Alpha é habitado por um bando de "anormais". Não que o autor cultue a marginalidade. Só que é impossível falar do amor, da morte e identificar um país com base nos sujeitos "direitinhos". É num anjo suicida que sobrevoa uma praia famosa do Rio, numa ex-freira que carrega uma gravidez fantasma, num cineasta ladrão, num faquir tatuado que quer impingir a todo o custo os milagres da acupuntura, no bêbado Opus Night, num torturador de manequins e numa madrastra-solteira que o escritor rasga a fantasia do Portugal de hoje. Isso do ponto de vista histórico porque do ponto de vista da discussão ela interessa a todos, inclusive ao Brasil afogado numa pretensa modernidade de sotaque nova-iorquino.

O livro todo é uma metáfora sobre Portugal. E dentro há outra metáfora. Cardoso Pires acha que Portugal é um país de mentirosos e vai buscar na publicidade, ramo onde trabalha **Alexandra Alpha**, a mecânica que explica esse jogo entre o país real e o país sonhado. De resto, o próprio autor conhece o ofício por dentro. Trabalhou durante muito tempo como redator de publicidade.

□ **Alexandra Alpha** — José Cardoso Pires, lançamento hoje a partir das 18 horas no estande da Casa do Livro na VII Feira do Livro, Centro de Convenções. A Casa do Livro vende também outras obras do autor: Balada da Praia dos Cães, O Delfim, Jogos de Azar. Sobre o autor há pelo menos duas análises críticas: um trabalho intitulado José Cardoso Pires editado pela Moraes de Maria Lucia Lepecki e uma análise com seleção de textos feita por Liberto Luz e editada pela Arcádia.